O POVOADO DA IDADE DO BRONZE DE SANTA CATARINA, GUIMARÃES (NORTE DE PORTUGAL). RESULTADO DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2002

por

Ana Bettencourt*, António Dinis & Isabel Sousa e Silva*****

Resumo: Com este texto, pretende-se relatar os trabalhos de escavação arqueológica realizados, durante o mês de Julho de 2002, na estação arqueológica de Santa Catarina, no âmbito do projecto "The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC".

Este local, bastante destruído, desde os finais do séc. XIX, forneceu importante espólio arqueológico, depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, e indevidamente estudado. As escavações recentes, apesar das vicissitudes, permitiram identificar um nível de ocupação da Idade do Bronze, conectável, genericamente, com grande parte do espólio depositado no referido museu e com algumas referências bibliográficas. Tal, contribuirá para uma melhor contextualização cronológico-cultural do sítio, assim como para a sua reconstituição paleoambiental.

Palavras-chave: Norte de Portugal; Santa Catarina; Idade do Bronze.

0. INTRODUÇÃO

O povoado de Santa Catarina aparece referenciado como sítio arqueológico nos finais do século XIX, na sequência das excursões que Francisco Martins Sarmento efectuou ao Alto da Penha, em 1886 e 1888. Embora reconhecendo a importância arqueológica de todo o monte, é junto da capela de Santa Catarina que este estudioso situa a ocupação humana do local, facto atestado pelo achado de *"grande quantidade de fragmentos de louça velha"* e pela observação de *"obras artificiais de terra, valados que circuitavam a povoação"*, elementos que fundamentaram a classificação do sítio como um *"pequeno castro"* (SARMENTO, 1999: 363, 396)[1]. Esta atribuição, assumida desde a primeira visita ao monte, aparece representada graficamente num registo do perfil topográfico da Penha (Est. IV-2), efectuado a partir do monte de Santo

* Prof. Auxiliar da Universidade do Minho.

** Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

*** Mestranda em Arqueologia na Universidade do Minho.

[1] Num outro momento, Martins Sarmento precisou o local e o tipo de estruturas do seguinte modo: *"A nascente da capella de Santa Catharina são ainda muito visíveis os restos d'uma fortificação de terra, que se seguem, mais ou menos apagados, até ao monumento de Pio IX"* (SARMENTO, 1888: 111).

Antoninho, localizado a cerca de 3 km para nascente daquele (*Idem*: 367).

A construção do monumento ao papa Pio IX, cuja inauguração ocorreu em 1893, e as obras de beneficiação realizadas a partir da década de 1930, no âmbito da transformação do local em santuário religioso e local de usufruto turístico, serão responsáveis pela recolha de material cerâmico, lítico e metálico, conectável com dois momentos distintos, um Calcolítico e outro da Idade do Bronze. Infelizmente, não existem registos que precisem os locais onde estes achados ocorreram, presumindo-se que muitos deles tenham sido recolhidos no interior dos abrigos naturais que se encontram no local. Neste contexto, no que se refere à estação arqueológica de Santa Catarina, deverão ser valorizados, preferencialmente, os materiais conectáveis com a ocupação da Idade do Bronze aparecidos na envolvência do local identificado por Martins Sarmento[2], assumindo especial significado as informações de José Luís de Pina sobre as recolhas efectuadas na década de 1920, *"para o lado da nascente de água que permanentemente brota num fio pela fisga de uma rocha"* que integraram *"restos de cerâmica, mós e machados de pedra, um machado de cobre, uma formosa lança margiana, discos de pedra polida e pedacinhos de rouge e ocre para tatuagem, sem contar com alguns machados de bronze, surripiados pelos trabalhadores"* (PINA, 1928: 138).

Embora o contexto do achado seja impreciso poderemos, eventualmente, filiar a Santa Catarina mais alguns objectos de bronze e um grupo de cerâmicas depositadas na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, cujas características tecno-morfológicas se inscrevem na Idade do Bronze do Entre Douro e Minho. Correspondem a louça de fabrico manual, pasta arenosa, cozedura redutora de qualidade média, com acabamento alisado, formas abertas e fechadas, com bases de fundo plano simples e maioritariamente lisas, embora estejam presentes as decorações plásticas[3].

Em relação aos artefactos de bronze, além da ponta de lança de folha irregular e base alargada, atribuímos a esta estação um ponteiro ou cinzel de bronze[4] e, pelo menos, um machado de talão de um só anel[5].

O interesse em precisar o perímetro da Estação Arqueológica da Penha[6], particularmente no seu lado sul e sudeste, terá induzido Mário Cardoso a realizar três sondagens arqueológicas nas vertentes sudeste e nordeste do morro do Pio IX[7]. Desconhecendo-se os resultados destas

---

[2] Não são contabilizadas as duas lanças, em bronze, assim como alguns artefactos cerâmicos aparecidos na Pedreira/Lugar de Telhado (a cerca de 600 m a sul-sudeste do monumento ao papa Pio IX (CARDOSO, 1968; BETTENCOURT *et alii*, neste vol.), nem o bracelete da Cantonha, aparecido na vertente ocidental do monte (CARDOSO, 1937, 89-94; 1957).

[3] O conjunto deste material será estudado na íntegra no âmbito deste projecto.

[4] Este objecto foi também designado como conteira de lança (CARDOSO, 1968: 278) ou chuço com alvado (CARDOSO, 1971: 253).

[5] Dois machados de bronze entraram no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em 1950 e 1958, tendo o primeiro deles sido oferecido por José de Pina. Provenientes da Penha (CARDOSO, 1970: taf. 16), mas sem especificação do sítio, é possível que um deles possa corresponder ao exemplar encontrado em Matamá, freguesia das Infantas, sendo apenas um de Santa Catarina.

[6] Em consequência dos vários achados arqueológicos ocorridos quer nos planaltos superiores, quer nas vertentes, o local foi classificado como Imóvel de Interesse Público em 1953. Em 1954 é definido o perímetro de protecção da estação arqueológica.

[7] As sondagens realizaram-se no interior do Parque do Campismo e na parte superior e inferior da estrada 579-2 que segue para a Lapinha.

intervenções, ficou o registo da sua localização, graças a um relatório entregue ao SRAZN – Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho[8]. Esse documento refere, também, a recolha de cerca de uma dezena de fragmentos de cerâmica, maioritariamente lisa, nas imediações da capela de Santa Catarina, da nascente de água e da zona do parque de Campismo, perto do local das sondagens referidas.

Embora não tenham sido recolhidos materiais correlacionáveis com a ocupação da Idade do Bronze de Santa Catarina, refiram-se, ainda, os trabalhos de escavação dirigidos por Francisco Queiroga, em 2000, numa área que abarca a vertente noroeste do morro onde se localiza o monumento ao Pio IX e a vertente este-sudeste da área do Santuário da Senhora da Penha, os primeiros trabalhos de escavação cientificamente conduzidos e dos quais possuímos a respectiva memória[9].

O quadro atrás descrito revelador da imprecisão espacial e de ocupação do povoado de Santa Catarina, no contexto arqueológico da estação da Penha, motivou a intervenção arqueológica que este trabalho dá conta, a qual foi integrada no projecto "The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC", aprovado e financiado pela Fundação da Ciência e Tecnologia, em 2001, com a referência 36527/99.

É de apontar, finalmente, que além do objectivo geral enunciado pretendeu-se, igualmente, perceber as funcionalidades deste arqueo-sítio e efectuar a reconstituição paleo-ambiental do local.

A escavação decorreu durante o mês de Julho de 2002[10].

1. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL
(Fig. 1, 2. 3 e 4)

A estação arqueológica de Santa Catarina, localiza-se no distrito de Braga, concelho de Guimarães, freguesia da Costa, lugar da Penha.

Segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25.000, folha 85, as coordenadas geográficas tomadas na capela de Santa Catarina – são as seguintes:

Latitude: 41° 25' 48" N

Longitude: 8° 16' 02" W

Altitude: 600 metros

---

[8] Este documento, escrito por Francisco Alves, em 1980, dá conta da colaboração de Manuel António Martins, membro da direcção do Parque de Campismo, e de António Costa, chefe do pessoal da limpeza da Junta de Turismo da Penha, na identificação dos locais onde tinham sido realizados os trabalhos.

[9] Agradecemos a Francisco Queiroga ter-nos facultado o relatório e os materiais recolhidos na escavação.

[10] Os trabalhos contaram com a participação de André M. Veiga, Cristina Guimarães, José Braga, Marcos Couto, Raquel Sambade, Sofia Figueiredo e Tiago Gomes – alunos da licenciatura em História – variante Arqueologia da Universidade do Minho e com Ana Dinis – estudante do Ensino Secundário. Funcionários da Irmandade de Nossa Senhora da Penha participaram na fase final dos trabalhos. O levantamento de topografia foi da responsabilidade da Divisão de Projecto e Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal de Guimarães. A equipa beneficiou, também, da presença pontual do Doutor Diamantino Pereira Ínsua, Geólogo do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho e investigador do projecto em que se inscreve a escavação. Os desenhos a tinta são da autoria de Dores Pires.

Santa Catarina situa-se na meia vertente sul de um morro coroado pelo miradouro e estátua dedicada ao papa Pio IX. Este outeiro, com a cota máxima de 613 metros, é considerado o ponto mais alto do monte e domina, de norte, uma zona de relevo mais ou menos aplanado, com orientação N-S e uma extensão de cerca de 1500 metros, designada genericamente por monte da Penha.

O povoado de Santa Catarina dispõe-se em plataformas, estruturadas pelas massas graníticas que afloram nesta área do monte, sendo a mais significativa a que serviu de base ao assentamento da capela de Santa Catarina.

O posicionamento topográfico de Santa Catarina, na vertente média do outeiro, torna o sítio abrigado dos ventos dominantes mas limita, consideravelmente, a visibilidade tanto para norte como nascente e poente, facto agravado pela existência de caos de pedras no perímetro das plataformas. De facto, apenas para o quadrante sul-este (vale do rio Vizela), e para uma estreita franja do lado oeste (vale do rio Selho) é que a visibilidade se pode considerar boa.

Para noroeste, a pouco mais de 100 metros de distância, fica a fonte de Santa Catarina, a única nascente de água em toda esta área.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000 (folha 9-B), o substrato rochoso da estação é composto por granito, porfiróide, de grão grosseiro, que aflora com abundância à superfície amontoando-se em caos de blocos, ou penhas, onde se dispõem abrigos naturais. Para nascente, a cerca de 500 metros, ocorre uma mancha de granodiorito porfiróide, biotítico, com grandes megacristais de feldspato potássico. Esta mancha, com orientação N-S, prolonga uma outra mancha de xistos e metagrauvaques, com abundantes corneanas na zona de contacto, na qual se identifica, a cerca de 1 km de Santa Catarina, uma exploração mineira de volfrâmio.

Pelo Esboço da Carta Geral de Ordenamento Agrário podemos constatar que a estação assenta em solos de utilização florestal (F). A cerca de 1,5 km para oeste temos solos de utilização agrícola condicionada (C) e, no vale, solos de utilização agrícola (A).

O coberto vegetal é arbóreo, com carvalhos, sobreiros, plátanos e acácias, no geral de plantio recente.

O acesso a Santa Catarina faz-se a partir das freguesias da Costa e de Mesão Frio, pela E.N. 101-2, e desde a Lapinha (freguesia de Calvos), pela E.M. 579-2.

A Estação está classificada como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto nº 39.175, de 17/4/1953, sendo os terrenos pertença da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha.

2. METODOLOGIA

A transformação do Alto da Penha numa estância turística modificou significativamente a topografia do sítio. A organização de percursos pedonais, com pavimentação de caminhos, criação de canteiros e "alindamento" dos abrigos naturais, a construção de edifícios e diversas estruturas de apoio aos visitantes, as obras de electrificação, captação e canalização de água e saneamento básico e a arborização e ajardinamento do sítio provocaram um grande impacto no registo arqueológico tendo alterado, de todo, quer a configuração física das estações que se implantaram no monte, quer a percepção da sua relação com a envolvente.

Não obstante a dispersão dos achados arqueológicos tenha proporcionado alguns indicadores sobre a espacialidade das ocupações do monte, o grau de perturbação antrópica limitou,

consideravelmente, a escolha de locais para escavar. Neste contexto, com o objectivo de precisar os locais a intervencionar, rentabilizando-se ao máximo o investimento destinado a esta parcela do projecto global, considerou-se fundamental desenvolver um conjunto de procedimentos de diagnóstico, os quais a seguir se relatam.

- Em primeiro lugar procedeu-se à revisão crítica da bibliografia do sítio situando-se todos os locais onde ocorreram achados.
- Com os dados recolhidos no *item* anterior, definiram-se as áreas para prospecção e, em Fevereiro de 2002, uma equipa composta pelos arqueólogos participantes no projecto e por alunos do 4º ano da Licenciatura em História variante de Arqueologia da Universidade do Minho realizou uma batida sistemática do terreno, cartografando-se os locais onde se identificaram materiais arqueológicos de superfície.
- A informação obtida permitiu isolar locais passíveis de serem escavados, particularmente nas plataformas adjacentes à capela de Santa Catarina e no interior e entrada de alguns abrigos da sua envolvente. No mês de Maio os signatários acompanhados pelo Doutor António Caetano Alves, Geólogo do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho e investigador deste projecto, avaliaram os processos pós-deposicionais e testaram a potência estratigráfica dos locais então escolhidos, afinando as opções de escavação até então colocadas.

Os resultados das acções atrás enumeradas materializaram-se na quadriculagem de três valas de escavação, designadas por Corte 1, Corte 2 e Corte 3 (Fig. 5), implantadas nos locais seguintes:

Corte 1 – na parte média da estação, numa plataforma situada a nordeste da capela de Santa Catarina, defendida dos ventos de norte por um grande batólito. Este local parecia ser privilegiado para a edificação de estruturas habitacionais. Abriram-se aqui cinco quadrados (A0, A1, B1, B2 e C3);

Corte 2 – no adro nascente da capela de Santa Catarina, local protegido dos ventos de norte por um caos de blocos que formam um abrigo natural com uma área considerável. Esta plataforma, sobranceira ao talude e, por conseguinte, disfrutando de excelente domínio visual sobre o planalto, parecia ser, igualmente, local adequado à implantação de estruturas habitacionais, razão pela qual abrimos aqui cinco quadrados (A1, A2, A4, B1 e B3);

Corte 3 – no interior de um pequeno abrigo com entrada virada a sudoeste, próximo do Corte 1. A exiguidade do abrigo apenas permitiu abrir um quadrado que pretendia determinar se este espaço tinha sido ocupado e qual a sua funcionalidade (A1).

Os quadrados de 1 x 1m, foram integrados numa malha orientada a Norte.

A decapagem processou-se por camadas naturais, até à arena granítica ou à rocha base, através de planos de 10 em 10cm, com excepção dos quadrados A1, A2 e B1 onde se optou por manter intacto o pavimento da cabana aí identificada.

Todos os perfis e estruturas foram registados, desenhados, fotografados e cotados.

Os fragmentos cerâmicos associados a estruturas, bem como os materiais metálicos, líticos e concentrações de ecofactos, foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

De todas as camadas arqueológicas foram retiradas amostras de terra para análises de geoquímica, assim como da arena granítica, o que permitirá parâmetros de comparação.

Nas camadas arqueológicas recolheram-se amostras de terra, posteriormente processadas por flutuação, para isolar o material carbonizado.

Nos quadrados A1, A2 e B1, do Corte 2, os sedimentos da camada 3 que cobriam um pavimento foram crivados a seco, com crivos de malha muito fina, capazes de permitir a identificação de sementes de pequeno porte.

O espólio proveniente da escavação deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

Os ecofactos foram enviados para análises de antracologia e carpologia, a efectuar por Isabel Figueiral. Dos ecofactos foram retiradas amostras para datação de radiocarbono, a realizar nos Laboratórios "Rocasolano" de Madrid e Angstrom, Uppsala.

3. ESCAVAÇÃO

3.1. Corte 1

3.1.1. Estratigrafia

A estratigrafia deste corte apresenta a seguinte sequência (Fig. 6):

Camada 0 – Terra amarela, homogénea, muito compacta, arenosa. Corresponde a um nível de saibro, descontínuo, utilizado para aplanar o terreno e impedir o crescimento de ervas.

Camada 1 – Terra de matriz castanha escura, algo heterogénea, de média e elevada compacidade, areno-limosa, com raízes de pequeno porte, pequenos calhaus de granulometria reduzida e carvões dispersos e concentrados. Camada onde se inscreve o *nível arqueológico*.

Camada 1a – Terra castanha clara, heterogénea, de compacidade média, areno-limosa, com bastantes raízes, calhaus de granulometria reduzida e alguns carvões dispersos. Corresponde ao enchimento de uma lura.

Camada 2 – Arena granítica.

3.1.2. Estruturas

Não foram encontradas estruturas nestas diferentes camadas.

3.1.3. Espólio

Camada 1 (nível arqueológico)

Cerâmico

A cerâmica encontrada é de fabrico manual, de pasta arenosa com desengordurantes de quartzo e de feldspato, apresentando, por vezes, alguma mica da própria argila. As pastas são de textura mediana e grosseira e as cozeduras, redutoras, são de média ou má qualidade. O acabamento é alisado, na quase totalidade. A cerâmica é lisa. As bases são de fundo plano simples. Os bordos correspondem a formas pequenas e médias.

Lítico

O espólio lítico é escasso e efectuado em matéria prima local. Registámos alguns fragmentos de seixos e lascas de quartzo, sem retoque.

Ecofactos

Apenas se detectaram carvões dispersos na camada.

Camada 1a (lura)

Cerâmico

Além de fragmentos de telha, de fabrico recente, aparecem nesta camada fragmentos de cerâmica pertencentes a dois momentos cronológico-culturais distintos:

- de época medieval ou moderna, temos alguns fragmentos, de fabrico à roda, em pastas bem depuradas, com cozedura redutora, de boa qualidade e acabamento alisado. Os bordos são de formas pequenas e médias.
- da Idade do Bronze, aparecem alguns fragmentos de cerâmica lisa, de fabrico manual, com características semelhantes às que ocorrem na camada 1.

3.2. Corte 2

3.2.1. Estratigrafia

A estratigrafia deste corte apresenta as seguintes características (Fig. 7 e 9):

Camada 0 – Terra castanha, homogénea, muito compacta, arenosa. Corresponde a um nível pouco espesso, utilizado para aplanar o terreno e impedir o crescimento das ervas.

Camada 1 – Terra castanha, areno-limosa, mais arenosa que limosa, de compacidade mediana, com cascalho de granulosidade média e algumas raízes e carvão disperso. Nesta camada ocorrem fragmentos de telha e tijolo, de fabrico recente, e fragmentos de cerâmica de fabrico medieval ou moderno.

Esta camada corresponde a entulhos que nivelaram o adro actual, provavelmente aquando das obras de reconstrução e ampliação da capela de Santa Catarina e da abertura dos acessos.

Camada 2 – Terra castanha escura, pouco compacta, areno-limosa, com calhaus de granulosidade média e carvões dispersos. Aparecem nesta camada, no quadrado A2, pedras dispostas em forma de canalização. No quadrante oeste, do quadrado A4, esta camada cobre o afloramento rochoso.

Camada humosa, antiga, com entulhos de inertes das obras de (re)construção da capela.

Camada 2a – Terra castanha clara, muito arenosa, de reduzida compacidade, sem carvões. Corresponde ao enchimento de uma fossa de perturbação, aberta no quadrado B1, que integra fragmentos de telha, de fabrico actual.

Camada 3 – Terra castanha escura, de compacidade mediana, areno-limosa, com carvões dispersos, onde ocorre um pavimento sobre o solo antigo. Camada onde se verifica o nível arqueológico da Idade do Bronze. No quadrante este, do quadrado A4, esta camada é muito escassa correspondendo a uma lentícula que cobre o afloramento granítico.

Camada 4 – Arena granítica.

3.2.2. Estruturas

Camada 1/2

– No interface das camadas 1 e 2 identificámos um nível de saibro, pouco espesso e muito compacto, interpretado como pavimento do antigo adro da capela (Pav. 1). No quadrado A1 este piso foi cortado por uma vala para assentamento de uma base em cimento servindo de suporte a cabos de aço.

– No quadrado B1 abre-se, na camada 2, uma fossa de perturbação de contorno sub-circular, que penetrou, igualmente, na camada 3. Esta fossa está preenchida com areão grosseiro e inclui alguns fragmentos de telha, contemporânea.

– Na base da camada 2 identificou-se um nível de saibro, segmentado, pouco espesso e bastante compacto (Pav. 2).

Camada 3

– Nesta camada encontramos um pavimento, de contorno sub-circular, composto por um lajeado de pedras dispostas na horizontal e saibro bem compactado, apresentando cor de tonalidade mais alaranjada, por acção do fogo nalguns locais. Distribui-se pelos quadrados A1, A2 e B1, tendo sido perturbado pela fossa implantada no quadrado B1 (Fig. 8).

3.2.3. Espólio da camada 3

Cerâmico

O espólio cerâmico é semelhante ao encontrado na camada 1 do corte 1. É de fabrico manual, de pasta arenosa, por vezes com algumas palhetas de mica que correspondem à constituição da própria argila. A textura é mediana e grosseira. O acabamento é alisado ou corroído. Salientamos um fragmento de base de fundo plano simples e um bordo esvasado de uma forma fechada de perfil em S, encontrados entre -153 e -163.

Lítico

O espólio lítico é escasso e efectuado em matéria prima local. Registámos alguns fragmentos de seixos e lascas de quartzo, sem retoque. Destacamos um martelo ou machado, em pedra polida, fracturado numa das extremidades. Foi encontrado à cota de -166.

Metal

No quadrado A1, à cota de -156cm, recolheu-se uma pequena chapa, muito fina, aparentemente de bronze. Encontrava-se muito queimada e quebradiça.

Ecofactos

Nesta camada, recolheram-se, a seco, os carvões concentrados e crivaram-se as terras para recolha de outros carvões e sementes.

3.3. Corte 3 (Abrigo)

3.3.1. Estratigrafia (Fig. 10)

A estratigrafia deste corte apresenta uma única camada, com as seguintes características:

Camada 0 – Terra castanha, heterogénea, com manchas de cor escura e veios mais claros, pouco compacta, muito arenosa, com calhaus de pequeno e médio calibre e muitas raízes de pequeno e médio porte. Trata-se de aterros, provavelmente relacionados com a abertura de caminhos para o miradouro do Pio IX.

3.3.2. Espólio

Aparecem fragmentos de telha, de fabrico recente, e fragmentos de cerâmica inserível na Idade do Bronze e semelhante à encontrada nas camadas 1 e 3 dos Cortes 1 e 2, respectivamente.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O conjunto de dados exumados nos cortes 1, 2 e 3 de Santa Catarina permitem retirar as seguintes conclusões:

- a inexistência de uma ocupação calcolítica nesta área do monte. Assim, os raríssimos fragmentos de cerâmica com decoração incisa metopada de "tipo Penha", detectados na envolvência da capela de Santa Catarina, deverão resultar de perturbações antigas no alto do morro onde está o monumento ao Pio IX. Dada as referências de José Luís de Pina (1928) consideramos, a existência de uma ocupação calcolítica em parte das vertentes oeste, noroeste e norte deste morro, talvez no interior dos abrigos naturais que existiram e existem ainda no local, esvaziados durante o processo de embelezamento do monte (BETTENCOURT *et alii,* neste vol.);
- a ausência de cerâmicas ou outros materiais que pudessem relacionar-se com uma ocupação da Idade do Ferro. Nesse sentido a informação veiculada por Martins Sarmento (1888: 109) e assente na informação do Pe. António Caldas, sobre o aparecimento, junto do monumento ao Pio IX, de "*objectos de ferro com o feitio de armas, que desapareceram sem se saber como*" parece duvidosa, posição já assumida por M. Cardoso (1971: 245);
- o aparecimento de fragmentos de cerâmica morfotipologicamente atribuíveis a um momento tardio da Época Medieval ou mesmo à Idade Moderna[11] o que poderá relacionar-se com a existência no local de um primitivo templo da invocação de Santa Catarina[12].

---

[11] Estas cerâmicas poderão assemelhar-se aos "*fragmentos de cerâmica já trabalhada a torno de oleiro e sem ornatos*" descritas por Mário Cardoso (1971: 248).

[12] Pinho Leal escreveu em 1873 que a serra de Santa Catarina "*Tomou este nome, de uma antiquissima capella da virgem e martyr, Santa Catharina, cujas ruínas ainda existem no alto da serra, junto a uma pyramide geodesica*" (LEAL, 1878, vol. VIII: 407).

Serão desta etapa os achados de ferro referidos por Martins Sarmento?

– a presença de apenas um nível de ocupação identificado nos Cortes 1 e 2, com materiais tecno-morfologicamente enquadráveis na Idade do Bronze. Enquanto este nível de ocupação surge no Corte 1, quase à superfície, sendo visível grande perturbação antrópica, no Corte 2 a ocupação ficou materializada por um fundo de cabana com indícios de lareira, reconhecido nos quadrados A1 e A2.

Perante este conjunto de dados parece possível relacionar a estrutura descrita por Martins Sarmento, nos finais do século XIX, *"A nascente da capella de Santa Catharina são ainda muito visíveis os restos d'uma fortificação de terra, que se seguem, mais ou menos apagados, até ao monumento de Pio IX* (SARMENTO, 1888: 111) com a ocupação da Idade do Bronze agora detectada. Estaríamos, assim, face a um povoado[13] cujo perímetro teria sido demarcado física e simbolicamente por um talude artificial de terra que "fechava" os espaços entre os conjuntos de blocos de pedra que existem na envolvência da capela de Santa Catarina, nomeadamente nos quadrantes sul-sudoeste e este-nordeste.

Este povoado, aparentemente de curta/média duração, segundo a classificação proposta por uma das signatárias deste trabalho para os assentamentos da Idade do Bronze (BETTENCOURT, 1999; 2000a) deverá articular-se, essencialmente, com uma ecologia de planalto, tendo em conta que os vales aluvionares mais próximos se encontram a uma distância de pelo menos 2km. Tal, permitiria às populações residentes a prática de uma agricultura extensiva nos solos magros de montanha, existentes a nascente e a sul, e o desenvolvimento de algumas práticas pastoris. No entanto, a sua proximidade com jazidas de volfrâmio, onde, com frequência, é possível extrair estanho, poderá ser intencional e ter constituído um factor importante de implantação desta população em Santa Catarina. Neste sentido seria o cinzel comprovativo da existência de práticas metalúrgicas no local?

Estas comunidades também podiam usufruir das excelentes condições proporcionadas pelos abrigos naturais para as mais diversas actividades "domésticas" e "rituais"[14].

As características genéricas do espólio encontrado nos Cortes 1 e 2 e dos materiais depositados na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, admitem a integração desta estação entre o último quartel do II e os inícios do I milénio AC, em datas a precisar após os resultados das análises de radiocarbono.

Esta cronologia é-nos sugerida pelo material metálico encontrado, tradicionalmente inserido nos finais do Bronze Médio/inícios do Bronze Final (COFFYN, 1985: 34), muito embora os paralelos mais próximos para o pavimento lajeado sejam as cabanas de S. Julião Ib (Vila Verde), datadas da segunda metade do século IX AC (BETTENCOURT, 2000b: 102).

---

[13] Termo usado na sua significação mais abrangente, de espaço multifuncional.

[14] A existência de recipientes cerâmicos e de peças metálicas, intactas, encontrados em Santa Catarina deixa supor a prática deste tipo de actos. De lembrar que a ponta de lança e machados teriam sido encontrados para os lados da nascente de água, que é uma área de grandes caos de blocos formando abrigos.

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, A. M. S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).

BETTENCOURT, A. M. S. (2000a). O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais, *Pré-História Recente da Península Ibérica*, Porto. ADECAP, pp. 79-93.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000b). *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*, Ed. Cadernos de Arqueologia Monografias – 10, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.

BETTENCOURT, A. M. S., A. DINIS, C. CRUZ E I. S. SILVA (neste vol.). A estação arqueológica da Senhora da Penha, Guimarães (Norte de Portugal): notícia preliminar das escavações de 2002, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 43 (3-4), Porto, SPAE, pp. 137-152.

CARDOSO, MÁRIO (1937). Um crime de lesa-Arqueologia e lesa-Arte, *Revista de Guimarães*, 47, Guimarães, pp. 89-94.

CARDOSO, MÁRIO (1957). Notícia de uma jóia antiga adquirida pelo Museu de Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 67 (1-2), pp. 179-184.

CARDOSO, MÁRIO (1960). Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu de "Martins Sarmento", *Revista de Guimarães*, 70, Guimarães, pp. 169-184.

CARDOSO, MÁRIO (1968). Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães), *Revista de Guimarães*, 77, Guimarães, pp. 273-281.

CARDOSO, MÁRIO (1970). Die Vorgeschichtliche Hohensiedlung von Penha bei Guimarães/Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 11, pp. 91-95.

CARDOSO, MÁRIO (1971). A Estação Pré-histórica da Serra da Penha (Guimarães), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, pp. 239-259.

COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Ed. Diffusions de Boccard, Paris.

DINIS, A. PEREIRA (1992). A Penha Arqueológica, *A Penha-Ontem e Hoje. Exposição*, Guimarães, pp. 15-22.

LEAL, PINHO (1878). *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VIII, Lisboa, pp. 407-414.

PINA, JOSÉ LUÍS DE (1928). A Penha Eneolítica, *Revista de Guimarães*, 38, nºs. 3-4, Guimarães, pp. 135, 138.

PINA, JOSÉ LUÍS DE (1931). Uma notável estação arqueológica portuguesa: a Penha (Portugal), *Actes do XVème Congrés International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistorique*, Paris, pp. 342-348.

QUEIROGA, F. (2000). *Relatório de Sondagem Arqueológica. Estação Arqueológica da Penha*, relatório dos trabalhos entregue ao IPA – policopiado.

SARMENTO, FRANCISCO MARTINS (1888). Materiaes para a Archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, 5, Guimarães, pp. 109-121.

SARMENTO, FRANCISCO MARTINS (1999). *Antíqua, Apontamentos de Arqueologia*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

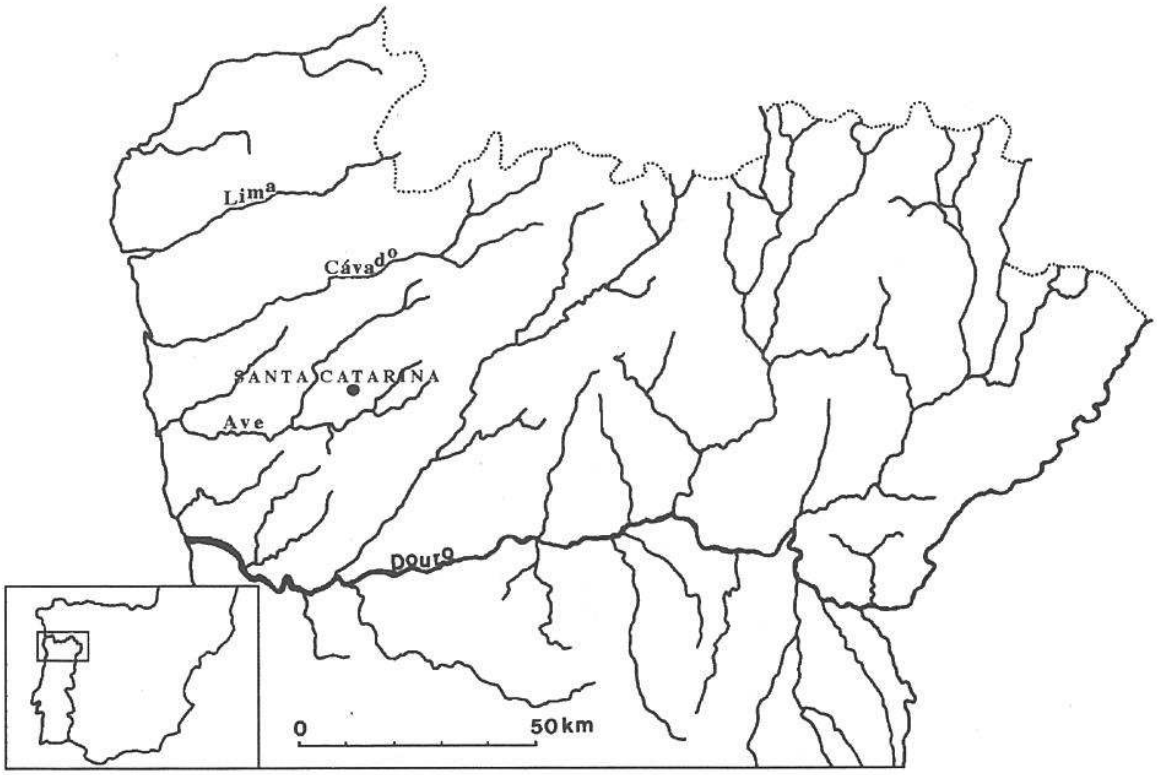

Fig. 1 – Localização de Santa Catarina na Península Ibérica e Norte de Portugal.

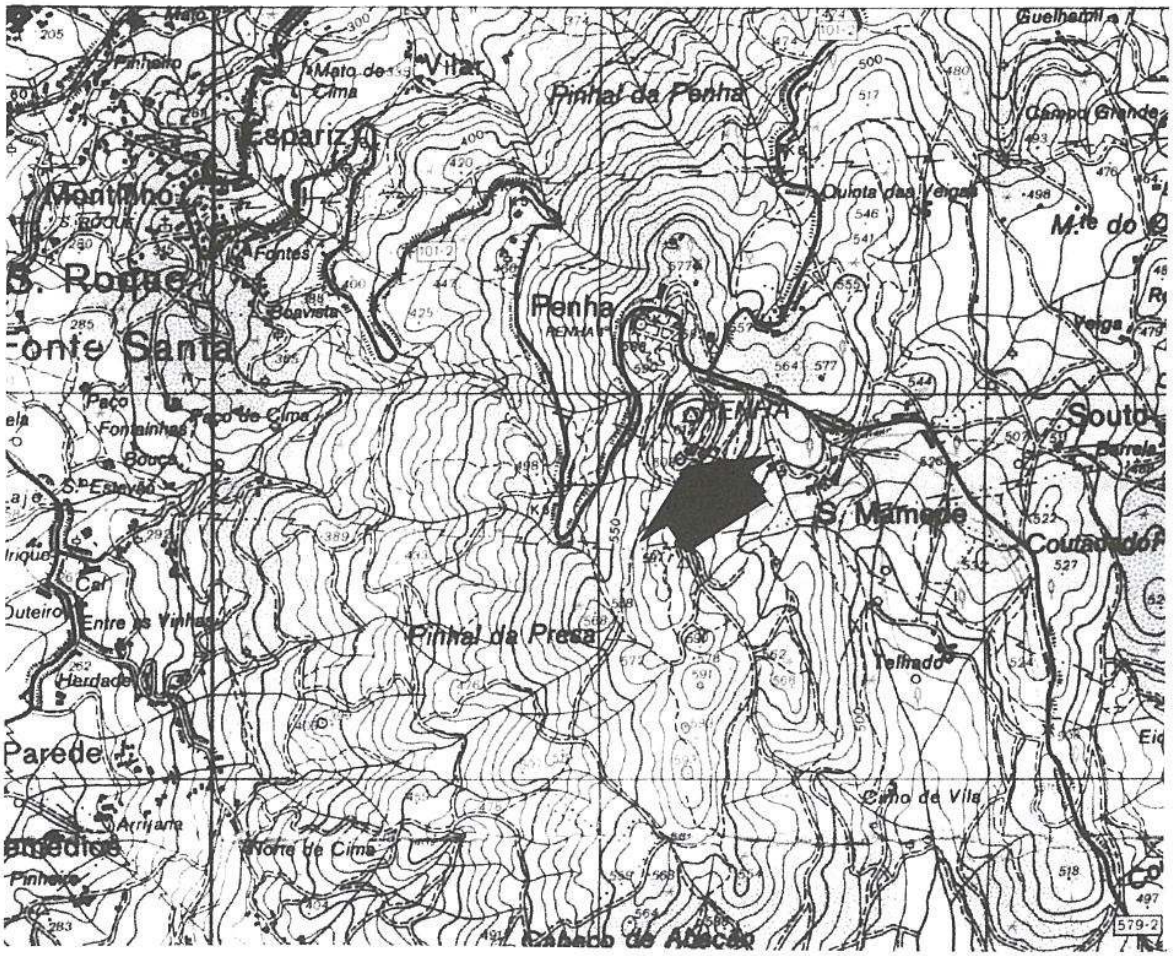

Fig. 2 – Localização de Santa Catarina na C.M.P., esc. 1:25.000.

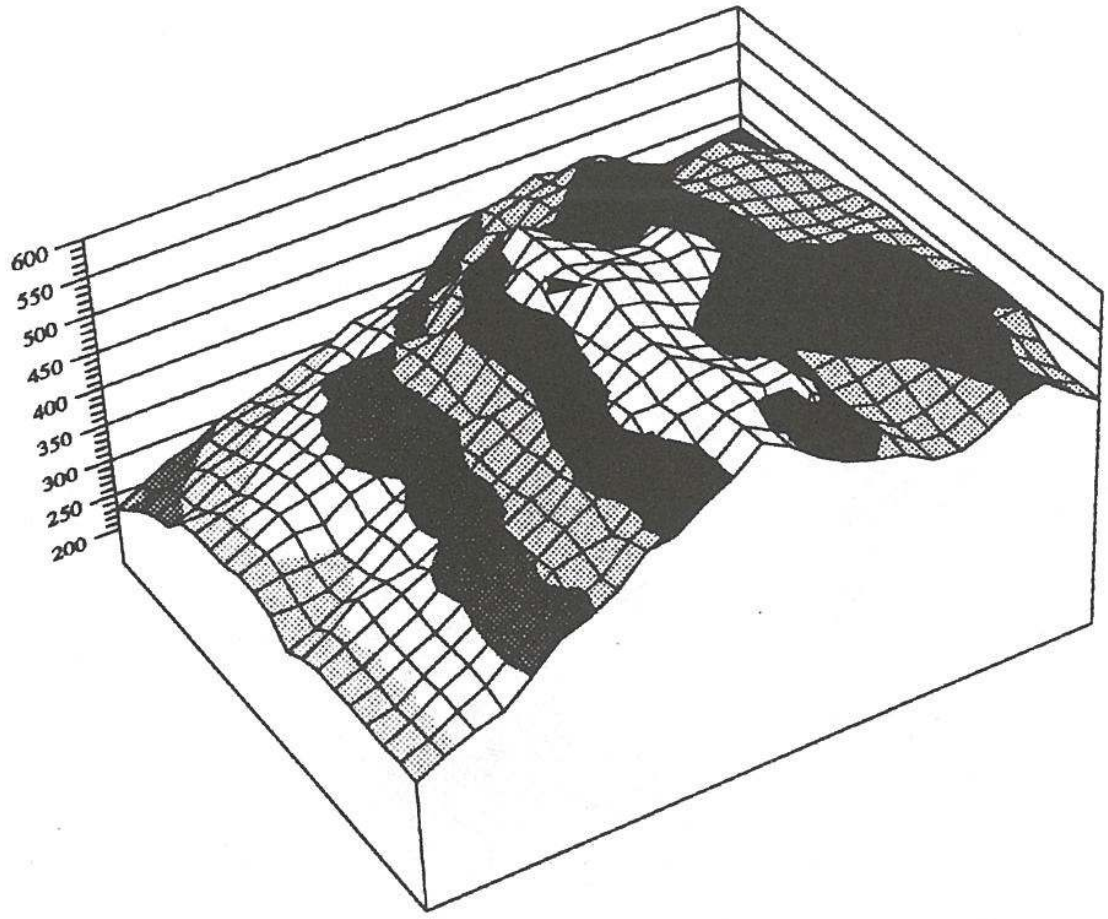

Fig. 3 – Projecção 3D do Monte da Penha, visto de Sul. (programa Wingz, versão 1.1) A seta indica o local de implantação da capela de Santa Catarina.

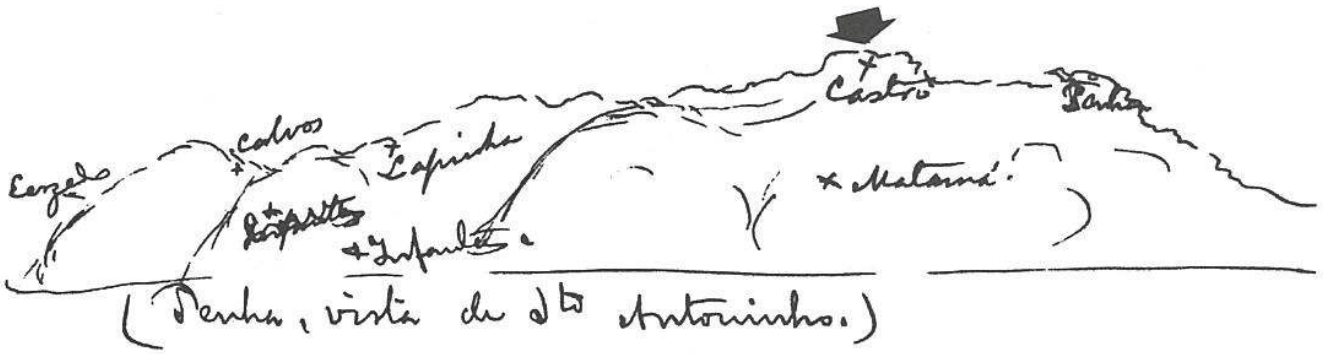

Fig. 4 – Apontamento gráfico de Francisco Martins Sarmento, representando o Monte da Penha (SARMENTO, 1999: 367). A seta mostra a localização do povoado de Santa Catarina.

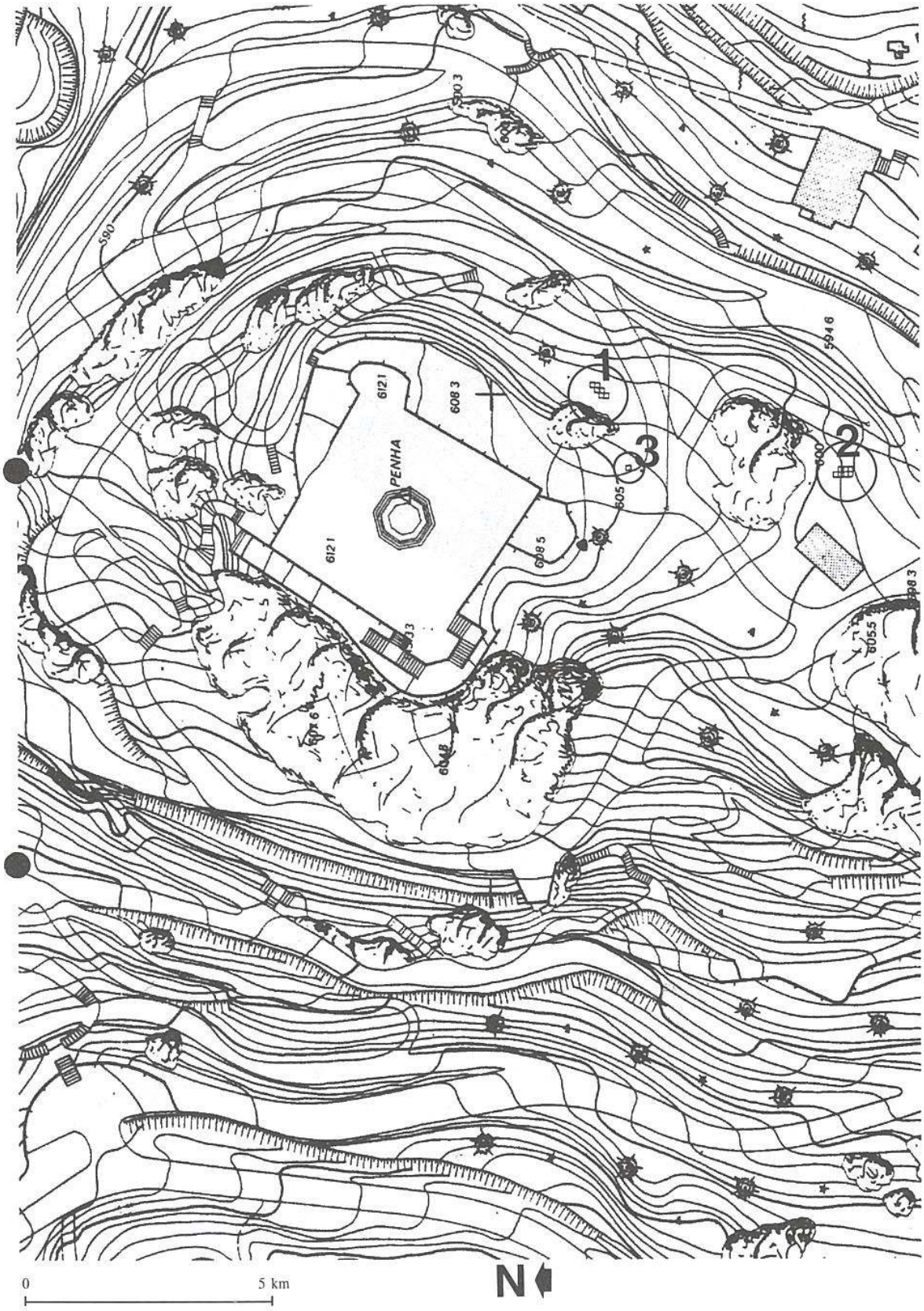

Fig. 5 – Levantamento topográfico de Santa Catarina.
Os círculos situam os cortes escavados.

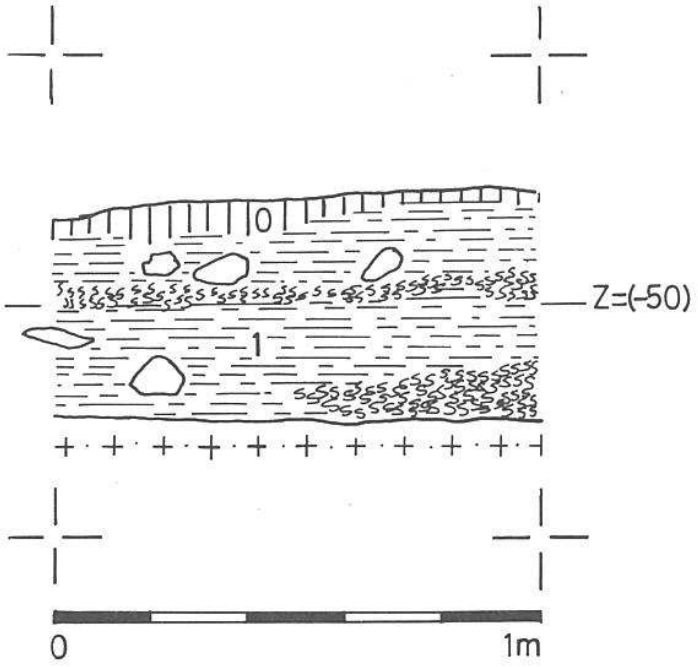

Fig. 6 – Corte 1: Perfil Este do quadrado A0 (os pequenos sss correspondem a uma lura).

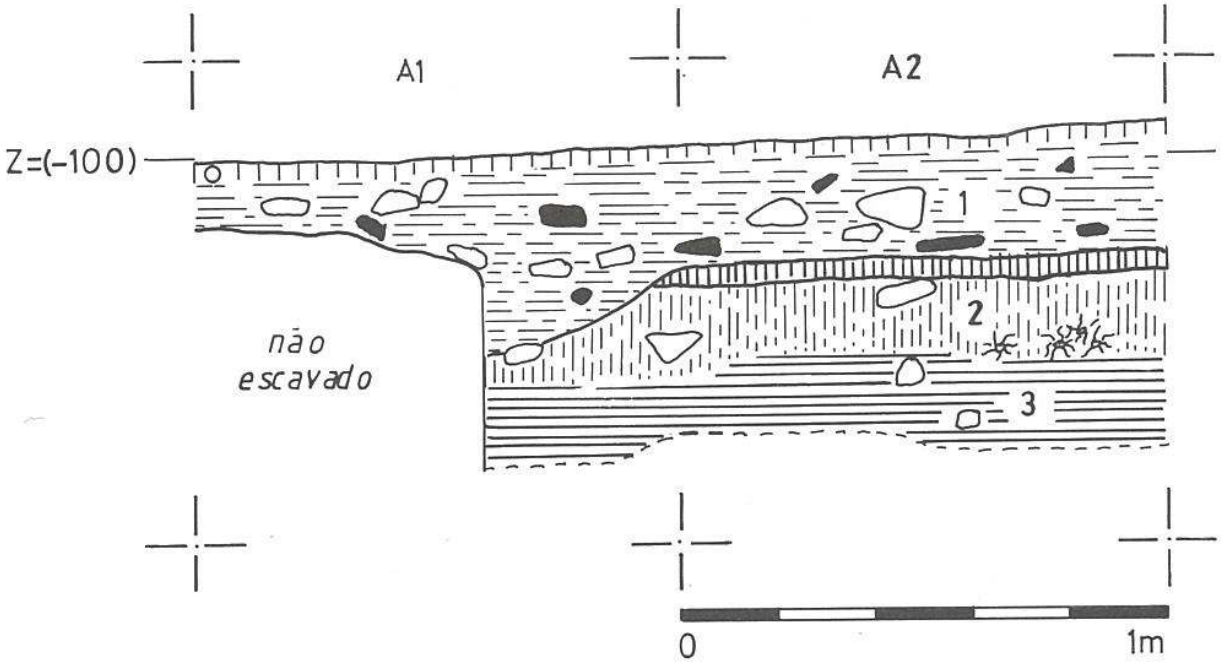

Fig. 7 – Corte 2: Perfil Oeste dos quadrados A1 e A2 (o escuro corresponde a fragmentos de telha e os traços verticais entre as camadas 1 e 2, a um pavimento hitórico).

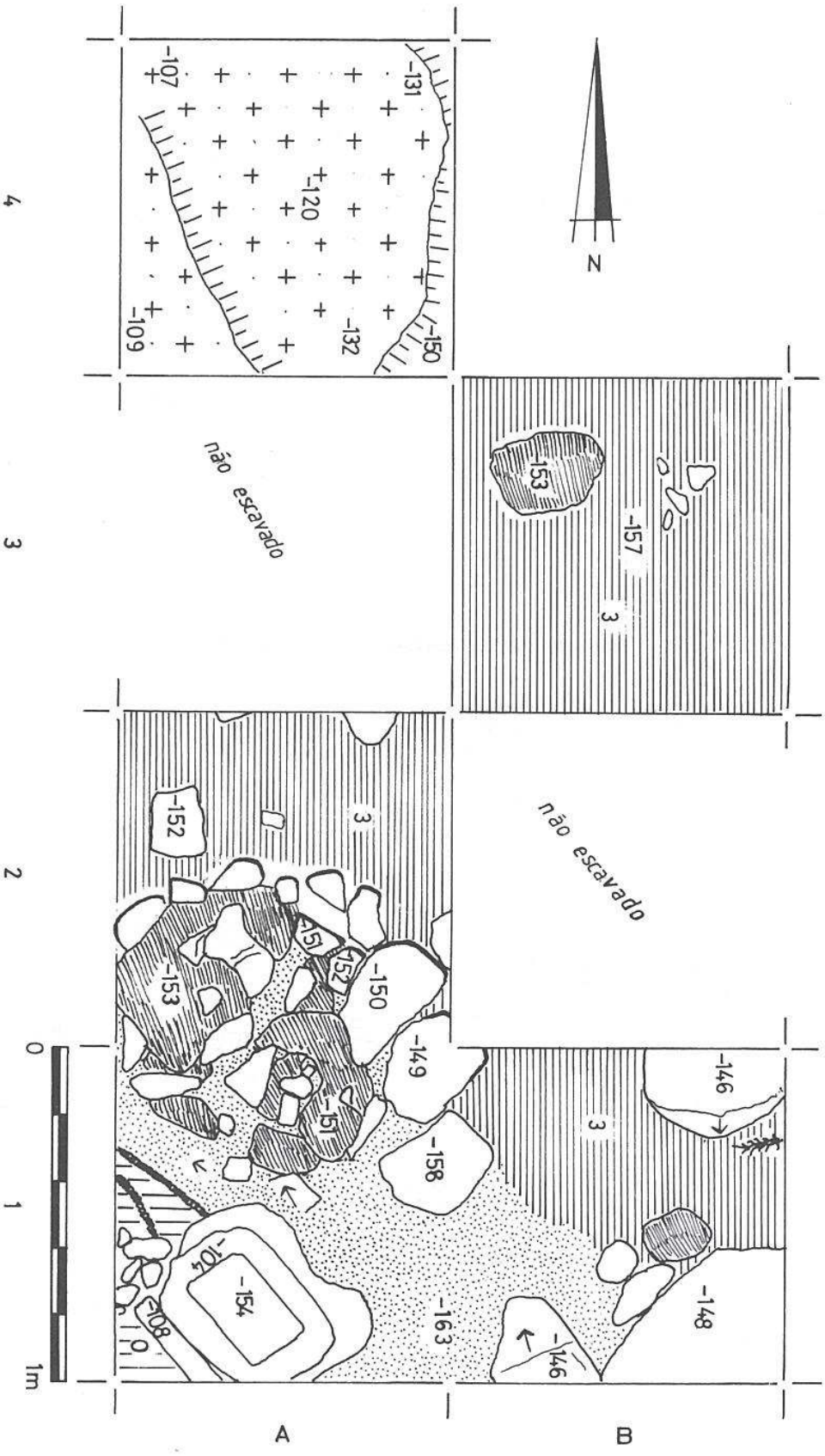

Fig. 8 – Corte 2: Planta geral do nível de ocupação da camada 3. Nos quadrados A1 e A2 pode ver-se o lajeado de uma cabana sobre a qual ocorre saibro queimado.

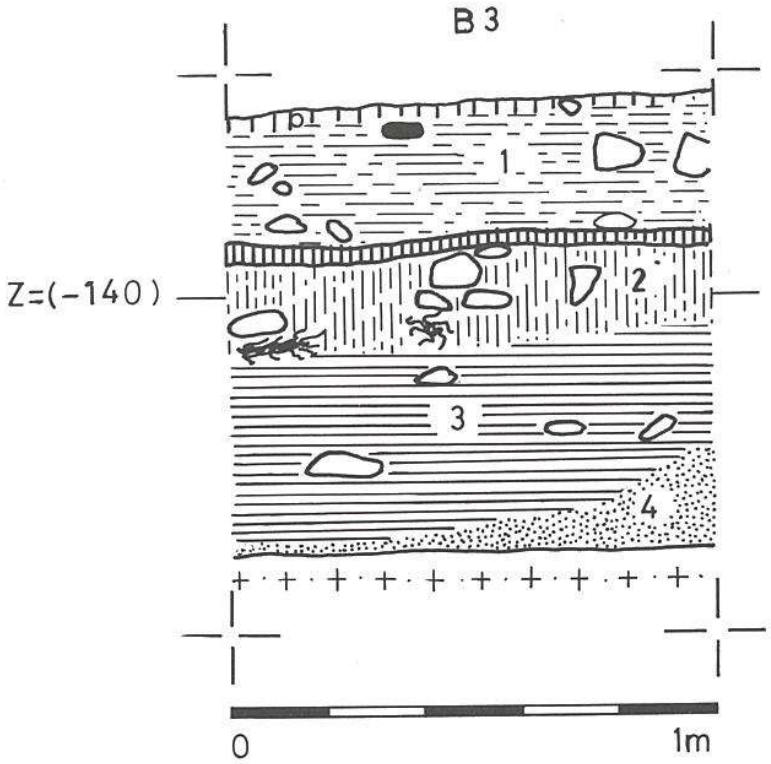

Fig. 9 – Corte 2: Perfil Oeste do quadrado B3 (os traços verticais entre as camadas 1 e 2, correspondem a um pavimento histórico).

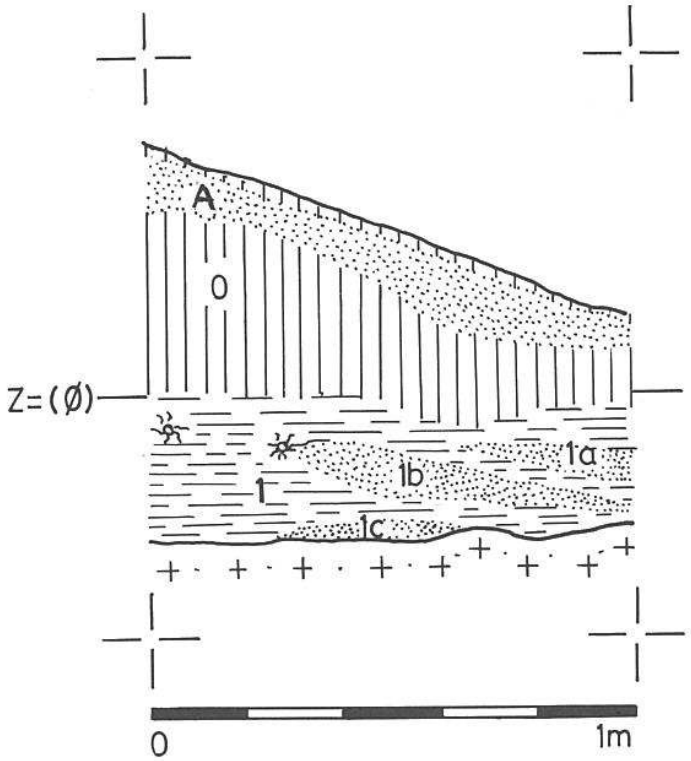

Fig. 10 – Corte 3: Perfil Norte do quadrado A1.
O (A) corresponde a aterros superficiais.